

PELOTAS PELAS ÁGUAS: A CONSTRUÇÃO DE UM DIÁRIO GRÁFICO COMO EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; JORGE LUIS MARTINS ALVES²;
FLÁVIA RIETH³**

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jorgeluisalves040@gmail.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Você já pensou nas relações entre pessoas e ambientes pela perspectiva da Antropologia? O diário gráfico Pelotas Pelas Águas: Cenas e narrativas plurais sobre a inundação de maio de 2024 inicia com esta primeira pergunta como forma de convidar o leitor a refletir sobre modos de habitar a cidade e dar sentido às águas em tempos de crise ambiental. O diário toma como ponto de partida Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, onde sua história e geografia dialogam com os rios, canais e banhados, para apresentar e provocar reflexões sobre a multiplicidade de relações com as águas neste território.

O diário gráfico Pelotas Pelas Águas resulta de uma construção coletiva, realizada na disciplina de Antropologia I, ministrada pela professora Flávia Rieth, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPel, durante o primeiro semestre letivo de 2024. A disciplina, de caráter extensionista, integra o projeto Extensão e Sociedade, compondo o programa de curricularização da extensão do curso de Ciências Sociais. A atividade proposta consistiu na realização de entrevistas pelos estudantes com moradores da cidade, com foco nas relações tecidas com as águas, em especial as inundações que atingiram Pelotas em maio de 2024.

Além dos relatos produzidos com os narradores urbanos (ROCHA; ECKERT, 2020), os discentes foram incentivados a fazer registros visuais, com fotografias, desenhos e mapas, com o objetivo de exercitar um olhar sensível às percepções locais e, simultaneamente, problematizar as múltiplas formas de presença das águas no espaço urbano. Em sala de aula, as discussões concentraram-se, sobretudo, nos conceitos de cultura e alteridade, orientadas pelas relações estabelecidas entre pessoas, animais e ambiente, visando estabelecer articulações entre a prática de campo e a reflexão teórica.

As entrevistas foram organizadas em cenas (FLEISCHER, 2019) e reunidas com imagens produzidas pela técnica da montagem (BENJAMIN, 2009), entendida não apenas como recurso estético, mas como forma crítica de justapor temporalidades, sentidos e perspectivas. Este arranjo foi articulado a questionamentos inspirados na pedagogia da pergunta (FREIRE, 2021) e orientado pela transposição didática de saberes (CHEVALLARD, 2014), promovendo a integração de conhecimentos acadêmicos, populares e sensíveis, e configurando-se como uma ferramenta de ensino-aprendizagem e de reflexão crítica.

2. METODOLOGIA

A elaboração do diário gráfico foi construído coletivamente com um movimento entre saídas de campo realizadas pelos discentes e discussões em sala de aula. Antes de iniciar as entrevistas, os estudantes foram orientados quanto à conduta ética na pesquisa. Também foi apresentado um roteiro de apoio,

elaborado como referência para a condução das entrevistas, que visou privilegiar a perspectiva de moradores de diferentes regiões da cidade. Posteriormente, as entrevistas foram escritas em cenas. As imagens selecionadas foram integradas em colagens, acompanhadas de perguntas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As 11 cenas reunidas no diário gráfico, agrupadas em três blocos, configuram um mosaico plural de percepções sobre as inundações. O primeiro bloco, Morar em lugares alagadiços, reúne cinco cenas que exploram modos de vida à beira das águas, desde a relação de pescadores com o canal São Gonçalo, até as transformações urbanas na antiga Rua das Traíras e o sentido das águas para as religiões de matriz africana. Numa das cenas deste bloco, Cena 5: A proteção dos Orixás e a comunicação com as forças da natureza, Claudia e Denis apresentam o relato do senhor João, de 59 anos, que mora atualmente no bairro Fátima. O narrador conta que se mudou do Laranjal/Balneário Valverde, onde morou por seis anos até “perder tudo” com as “enchentes” de maio de 2024. Para recomeçar, relata que encontrou força nos Orixás. Relatou que, diante de inundações e tempestades, é comum que pessoas religiões de matriz africana realizem rituais específicos para apaziguar as forças da natureza. Tais práticas estabelecem uma forma de comunicação entre a vida cotidiana e a cosmologia ancestral negra presente em Pelotas.

João explica que a natureza é vista como produtora de energia, e os seres humanos estão diretamente atravessados por essa energia proveniente dos Orixás. A relação com a natureza é mediada pelo respeito ao sagrado, cujo poder não se revela diretamente, mas se manifesta por meio de cultos e rituais. As “enchentes”, neste contexto, podem ser interpretadas como mensagens da natureza, indicando, por exemplo, descaso do poder público e impactos sobre comunidades marginalizadas, um reflexo de racismo ambiental. Destacou ainda que, na relação Orixás e natureza, em Pelotas a Lagoa dos Patos é comandada pelas Orixás Iemanjá (nas águas doces) e Oxum (nas águas salgadas), reforçando a presença do sagrado na vida cotidiana na cidade.

O segundo bloco, Fratura dos laços sociais e resistências, apresenta quatro cenas que tratam de perdas materiais, invasões domiciliares, disputas por moradia, vínculos multiespécies e redes comunitárias de reciprocidade durante a inundação de 2024. A Cena 7, Mobilização por moradia, apresenta a luta de comunidade que habita as margens do Canal São Gonçalo e reivindica o direito à moradia. Diante da tentativa da prefeitura de removê-los para uma área distante do centro e do rio, o que inviabilizaria a pesca e a coleta de materiais recicláveis, atividades de sustento local, moradores conquistaram o direito da construção de casas populares em um loteamento na Estrada do Engenho.

Porém, como relatou a moradora e líder comunitária Michelle aos discentes Guilherme e Tatiana, apenas parte das famílias locais foi contemplada. Além disso, contou que as casas foram feitas com materiais precários, sem sistema adequado de escoamento e saneamento, e muitas seguem inacabadas. O terreno, banhado aterrado com lixo, vem cedendo e apresentando rachaduras, o que compromete a infraestrutura das casas e aumenta a vulnerabilidade das famílias. A cada chuva, o loteamento se transforma em uma área alagada, situação que se agravou em maio de 2024, quando, diante das inundações, a moradora precisou abandonar sua residência.

Por fim, o terceiro bloco, Memórias de outras “enchentes”, retoma lembranças de eventos passados, como as inundações de 1986, 2004 e 2008, sobrepondo temporalidades e ampliando a compreensão da ocorrência em 2024 como parte de uma longa história de convivência e tensão com as águas em Pelotas. Na cena 11, Memórias da enchente de 1986-2024, a narradora urbana é Marina, moradora do bairro Porto/Balsa, recorda a inundação de 1986. Ela relembra a “enchente” de 1986, quando, aos 15 anos, vivenciou com a família o transbordamento do arroio Santa Bárbara, que inundou a Vila Castilho.

Marina conta que a água subiu durante a madrugada, destruindo móveis, levando o banheiro externo e deixando a casa inabitável, obrigando-os a se mudar para outro bairro. O resgate foi feito por soldados do exército em barcos, e mutirões solidários ajudaram a família a recomeçar. Marina relata que a inundação de maio de 2024, somada à inclusão de sua rua na lista de áreas de risco devido ao perigo de transbordamento do São Gonçalo, fez com que revivesse aquelas antigas memórias.

A partir da escuta e da aproximação com diferentes narradores urbanos, os estudantes exercitaram a observação e reflexão sobre os sentidos atribuídos às águas e as múltiplas relações por elas tecidas, e, ainda, como as inundações produzem consequências desiguais sobre distintos territórios e populações. A experiência também estimulou o entendimento sobre cultura e alteridade, favorecendo a construção de conhecimento atentos à diversidade de modos de vida e às diferentes formas de se relacionar com o meio ambiente. Ao mesmo tempo, documentou as experiências locais com as inundações através de um olhar sensível ao espaço urbano.

Neste movimento, foi possível integrar teoria e prática, com diálogo entre conhecimentos acadêmicos e saberes locais. O diário gráfico produzido foi ainda apresentado e debatido em disciplinas dos cursos de Ciências Sociais e Turismo, especialmente na disciplina de Antropologia, ampliando a circulação dos saberes e potencializando o caráter formativo e extensionista da atividade.

Figura 1. Turma de Sociedade e Extensão e Antropologia I, UFPEl/2024.



Autoria: Foto tirada pela turma de Sociedade e Extensão e Antropologia I. 2024.

A experiência também promoveu a formação do grupo Pelotas Pelas Águas, que se consolidou como espaço de discussão e troca entre estudantes, docentes e comunidade local, com encontros e a realização de rodas de conversas para compartilhar e fortalecer o diálogo sobre a temática.

4. CONSIDERAÇÕES

A construção coletiva do diário gráfico Pelotas Pelas Águas, com atividades de campo e discussões teórico-metodológicas em sala de aula, propiciou o registro de memórias, sentidos e perspectivas de diferentes narradores urbanos sobre as águas e inundações, mas também a reflexão sobre desigualdades socioambientais e sobre a importância da escuta atenta às experiências singulares dos moradores.

A experiência na disciplina de Antropologia I, de caráter extensionista, permitiu uma formação que, ao ultrapassar os limites da sala de aula, fortaleceu laços entre universidade e comunidade e consolidou o grupo Pelotas Pelas Águas como espaço de diálogo contínuo, troca de saberes e engajamento. O diário gráfico, portanto, se configurou como instrumento de extensão que materializa a relevância de práticas educativas sensíveis à cultura local, à diversidade de modos de vida e à complexidade das relações humanas com o ambiente urbano e fluvial. Em síntese, a experiência demonstra que projetos extensionistas que articulam produção de conhecimento, sensibilidade e reflexão crítica podem contribuir para a formação de cientistas sociais e antropólogos conscientes das múltiplas formas de vulnerabilidade e resistência presentes em territórios urbanos.

Destacamos que cada contribuição ao longo da elaboração do diário gráfico Pelotas Pelas Águas enriqueceu a tessitura do trabalho, tornando-a mais densa e plural; por isso, registramos aqui nosso agradecimento aos colegas que também dividem a autoria do material conosco: Claudia Beatriz Costa Vieira, Denis Leandro da Rosa Moraes, Fabrício Quevedo de Oliveira, Fernanda Bento Muller, Grace Ziemann Velasco, Guilherme Barros Simões Lopes, Guilherme Porto da Silva, Jaqueline Schneider, Paulo Guilherme Caufumann Rovel, Rafaela Ferreira Fernandes, Raysa de Souza Lemos, Tatiana Soares de Soares e William Rodrigues Lemos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2009.

CHEVALLARD, Yves. Sobre a Teoria da Transposição Didática: Algumas considerações introdutórias. **Revista De Educação, Ciências E Matemática**, v. 3, n. 2, 2014.

FLEISCHER, Soraya. Cenas de microcefalia, de cuidado, de antropologia (Recife, setembro de 2017). **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 118-131, 2019.

FREIRE, Paulo. **Por Uma Pedagogia da Pergunta**. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. A arte de narrar as(nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. **Revista Hawó**, v. 1, p. 2-51, 2020.